

Creemos que não há necessidade de apresentarmos com detalhes o conteúdo que oferecemos. Simplesmente queremos entregá-lo nas mãos dos nossos leitores e leitoras no desejo de que ele possa colaborar no enriquecimento do debate teológico vigente e no amadurecimento da prática de fé da Comunidade Eclesial. E como estamos situados num continente, numa nação e numa cidade de grandes contrastes, não podemos deixar de fazer eco aos clamores dos “excluídos”. Que estes sejam sujeitos de todo o nosso trabalho de evangelização.

Por fim, aqui registramos os nossos agradecimentos a todos os articulistas que colaboraram com a realização deste 60. número de nossa Revista.

Com especial dedicação e carinho, o nosso respeitoso agradecimento ao **Grão-Chanceler e Pai - o Cardeal Arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns.**

**Pe. José Arnaldo
Juliano dos Santos**

(Redação)

ARTIGOS

FUNDAMENTALISMO

Mons. Dr. Roberto Mascarenhas Roxo

I. ORIGEM

Fundamentos

O homem e a sociedade humana, por força de instinto e razão, buscam fundamentos que lhes garantam segurança em todas as áreas da existência, sobretudo no que respeita à morte e ao além-vida. Existir e agir humanos requer fundamentos. A cultura - o ethos de um povo - constitui uma sistematização de fundamentos, criando e protegendo valores, rejeitando desvalores, abrindo perspectivas mais profundas de ser e existir através de seus símbolos, mitos e ritos¹.

Destruição ou perda dos fundamentos significa o caos intolerável. Neste sentido, todo homem e toda sociedade são “*fundamentalistas*” porque vivem e agem a partir de fundamentos. Mas este “*fundamentalismo*”, longe de ser problema social, político e religioso, é garantia de sobrevivência.

Fundamentalismo

Outro é o fundamentalismo problemático que só acontece exatamente quando falta o primeiro; em tempos de confusão ou falta de princípios ou fundamentos. De fato, as grandes passagens ou “viradas” históricas acarretam um certo caos e a conseqüente necessidade de recomposição de fundamentos e princípios. Surgem então dois dinamismos. O primeiro é o processo comum das sociedades em recompor seus fundamentos em perspectiva de avanço e progresso, criando o crescimento histórico. O segundo é o fundamentalismo, luta contra as mudanças, fixação no “*status quo*” garantindo-o com alguns princípios e fundamentos ou mesmo a restauração do passado perdido. Tal dinâmica de restauração ou de fixação se distribui em movimentos que hoje se autodeterminam ou são denominados de “fundamentalistas” e que constituem

1. Cfr. J. K. Locke: “Some Reflexions ou the Ghenomenon of Fundamenalism” em *Vidyajyoti Journal of Theological Reflection*, 55 (1991) 241-253.

problemas no âmbito político, social, religioso. Não faltam exemplos históricos deste tipo de fundamentalismo. Jesus enfrentou o fundamentalismo fariseu nascido da reação contra a cultura greco-romana dos dominadores da Palestina. *Cruzadas, Cátaros, Albigenses, Valdenses, Fraticelos, Inquisição, Syllabus* e outros tiveram nítido cunho fundamentalista². Não será difícil denunciar o fundamentalismo sócio-político nas ideologias do nazismo, do comunismo, no segregacionismo sul-africano...

Fundamentalismo Moderno Cristão

O moderno fundamentalismo cristão protestante tem seu registro de nascimento nos volumes publicados entre 1910 e 1915 em Chicago com o título "*Os Fundamentos. Um testemunho pela verdade*"³ escrito por vários autores protestantes para defender, contra a moderna exegese, as teses essenciais do cristianismo e a interpretação literal da Bíblia. O fundamentalismo criou logo, em

1919, uma associação contra idéias modernas que ameaçaram a vida social, defendendo a oração obrigatória na escola pública, o patriotismo (anglo-saxão) americano, os valores da família, a proibição do ensino do evolucionismo. A recessão de 1929 foi interpretada como castigo divino e sinal da vinda de Cristo.

A partir de 1960 afirmou-se o fundamentalismo evangélico com duas características marcantes: a oposição ao protestantismo liberal que se engajava em questões sociais e a tese de que os males sociais têm por única e definitiva solução a conversão pessoal. Daí o surgimento de grupos voltados para o batismo no Espírito Santo, a proliferação de pregadores "emotivos" na Igreja Eletrônica, etc.

Na década de 80, o fundamentalismo afirmou-se como força política, sobretudo com a "maioria moral" de Jerry Falwell que muito contribuiu para a eleição de R. Reagan e inspirou os temas simultaneamente políticos, sociais e religiosos do anticomunismo, defesa da família, moralidade pública.

II. DEFINIÇÃO

O Fundamentalismo Moderno nasceu do conflito entre cultura antiga e cultura moderna como opção pela cultura antiga e rejeição dos principais valores da cultura moderna:

1) **O antropocentrismo nas suas várias dimensões de humanismo ideológico, humanismo científico, humanismo econômico.**

2) **O pluralismo.**

1. Anti-modernidade

A cultura antiga foi teocêntrica, sacralizou o poder (Rm 13,1ss), pensou a redenção sobretudo como reparação do mal infligido a Deus, imaginou Deus fora da História e concebeu em verticalidade o relacionamento Deus-homem. A cultura moderna é antropocêntrica, dessacraliza o poder, pensa a redenção como reconciliação, amor até o fim, pensa Cristo em humanidade autêntica, insere-o na História considerada como desígnio de Deus, crê o relacionamento Deus-homem passando pelo rela-

cionamento comunitário entre os homens. O fundamentalismo opta pela cultura antiga. Imagina ainda um poder sacral mesmo civil⁴ sobretudo nos líderes tidos como carismáticos, vê a História como inimiga de Deus e por isso anuncia, com freqüência, uma pseudo-escatologia. Deus e seu Cristo estão "acima" e fora da História e o relacionamento Deus-homem é individual, fundado numa perpétua conversão pessoal sem referência aos irmãos e à comunidade. O otimismo é proibido porque se vive numa história de pecado⁵.

2. Anti-pluralismo

A cultura antiga valorizou a unidade social, política, religiosa. O antropocentrismo moderno valoriza o pluralismo dentro da ideologia de que o homem é sujeito e centro de tudo. A arte do Renascimento manifestou esta ideologia e Descartes a sintetizou no princípio "*eu penso, logo eu existo*". Donde, a liberdade de pensamento e de expressão, vale dizer, a pluralidade de "*mundos do homem*"⁶ e de sistemas de valores.

2. Cfr. Ricardo Franco: "*Veritat o llibertat?*", Questions de Vida Cristiana No. 159 (1991) 58-74.

3. "*The Fundamentals. A Testimony to the Truth*". Sobre esta origem, LL. Duch: "*L'allau fonamentalista. Consideracions crítiques*." Questions de Vida Cristiana, No. 159 (1991) 7-27.

4. Cfr. Novo Catecismo No. 1899.

5. Uma leitura sem crítica do Novo Catecismo concluirá que o momento principal do desígnio de Deus é o pecado original.

6. LL. Duch, art. citado.

O pluralismo é valor maior do que a unidade. O fundamentalismo é radicalmente contra o pluralismo da modernidade. Considera-o sinônimo do abominável relativismo. Prefere doutrinas e fórmulas acabadas e as considera perfeitas para evitar discussões. Aceita prazerosamente e até com edificação, a fé-acolhimento, mas rejeita categoricamente a fé-indagação. Nada mais alheio ao fundamentalismo do que o diálogo ou troca de idéias. Ele tem doutrina e fórmula mas não tem idéias.

3. Anti-progresso

A cultura antiga é expressão de uma "ordem estabelecida" e imutável porque garantida pela divindade. Por isso, o mundo antigo ignorou revoluções no sentido de substituição de uma ordem vigente por outra melhor. O antropocentrismo moderno é revolucionário. Não crê em ordem estabelecida e sim na história em construção na qual o homem é agente responsável de mudanças, seja através das ciências e técnicas, seja através das revoluções. O fundamentalismo rejeita a utopia revolucionária como busca de uma ordem melhor; quando a aceita e o faz com frequência - sobretudo nos fundamentalismos não cristãos - é para restaurar o passado, voltar à uma

ordem estabelecida. Enquanto a modernidade pensa o presente à luz do futuro (utopia), o fundamentalismo, com a antigüidade, pensa o presente e o futuro à luz do passado. A escatologia fundamentalista é uma rejeição da história através do salto direto para o último dia. Não é um "agora e ainda não", um encaminhamento e sim a substituição do desígnio-história pelo momento definitivo.

O antropocentrismo moderno é ainda técnico-científico, no sentido de acreditar no poder transformador das ciências e técnicas conduzidas pelo homem. O fundamentalismo aceita estas conquistas desde que elas possam ser postas ao serviço da ideologia fundamentalista. Nesta linha, é notável a presença no fundamentalismo de membros da elite tecnocrata bem como o uso das técnicas de comunicação pelos pregadores "eletrônicos". A mensagem, porém, será sempre anti-antropocêntrica.

4. Anti-engajamento

O antropocentrismo moderno é "econômico", no sentido de identificar a realização do homem com a economia. O "ter" da cultura antiga passa a "ser" na modernidade. E a economia entra de cheio na prática evangélica en-

quanto necessária ao "ser homem".

O fundamentalismo costuma ser bom arrecadador econômico mas alienado dos problemas sócio-econômicos. Conserva com frequência a mentalidade veterotestamentária de confundir bênção de Deus com enriquecimento econômico.

É notória a tentação ligada ao fundamentalismo de julgar desfavorável o presente em comparação ao passado: mundo corrompido, indiferença religiosa, relaxamento, etc. Não se encontra em seus documentos a apresentação do "hoje" como melhor do que o "ontem".

III. COMPORTAMENTO FUNDAMENTALISTA

1. Reação-oposição

O que se afirmou sobre fundamentalismo e modernidade desemboca numa conclusão lógica: o fundamentalismo age como reação-oposição. É Martin E. Marty que afirma: "O caráter teológico fundamental dos modernos fun-

damentalismos religiosos - sem esquecer que também há outros - é o oposicionismo... O fundamentalismo começa a tomar forma quando os membros de movimentos já conservadores ou tradicionais se sentem ameaçados... E eles passam a "contra-atacar" mas "contra-atacar como princípio construtivo" mais: "Eles existem porque a assim chamada modernidade vem atacá-los e eles têm que contra-atacar"⁷. Por isso mesmo, a superação do fundamentalismo só será possível com empatia e compreensão; combatê-lo significa fortalecê-lo.

2. Busca de certezas e segurança

A reação-oposição necessita de base e esta é a busca de certezas e de segurança. Ricardo Franco considera ser o elemento formal do fundamentalismo "a busca de um fundamento absoluto das crenças, mais uma busca de certeza do que da verdade, por mais que se alegue que se busca a verdade"⁸. Ou seja, "o fundamentalismo consiste na pretensão da segurança de possuir um funda-

7. Concilium 241, 1992/3, 13(333); 25(345).

8. R. Franco, art. citado.

mento absolutamente certo, imunizado contra toda dúvida ou contra toda insegurança provocada pela crítica da razão, a crítica histórica, ou insegurança provocada pela crítica da razão, a crítica histórica, ou de evolução". É a antítese do princípio de S. Anselmo: "*fides quaerens intellectum*". Os protestantes buscam a certeza-segurança na Bíblia, os católicos na Bíblia, tradição e documento do magistério, Israel em alguma tradição bíblica, o Islam no Corão. Claro, esta preferência de certeza-segurança sobre a verdade, que significa a abdicação do direito e dever de pensar, situa-se bem na "*atual desorientação normativa (anomia), que caracteriza os tempos modernos*"⁹. "*Como fenômeno moderno, o fundamentalismo representa uma reação ao medo, isolamento e perda dos pontos de referência individuais e coletivos*"¹⁰. De fato, lembra J. Moltmann, "*a modernização permanente pertence à essência do mundo moderno. Desde os inícios foram inseridos no grande projeto de civilização científico-*

técnica, desenvolvimento, progresso, inovações e orientação linear para o futuro. Isto exige, porém, colocar continuamente em dúvida supostas certezas e abandonar identidades tradicionais"¹¹. O fundamentalismo rejeita o esforço da conquista de valores e "*coloca a vida toda na categoria da eternidade e pergunta pelas verdades intemporais da fé e pelas leis absolutas da moral*".

3. Consciência e glorificação da minoria

A modernidade só existe como cultura porque atinge a maioria onde se implantou. O fundamentalismo é minoria. Os que não são fundamentalistas são "os outros", que se opõem a "nós" o pequeno grupo escolhido que mantém os princípios fundamentais e não se deixa seduzir pelos pruridos passageiros da história, sobretudo da modernidade seja ela civil ou religiosa. Ótima a análise de L. L. Duch: "*O fundamentalismo necessita concretizar-se em "comunidade quente", i.é, "uma instituição total que antecipe a realização da sociedade futura, uma*

comunidade que crie um microclima afetivo no qual as pessoas se sintam acolhidas e lhes sejam oferecidos critérios infalíveis para caminhar pelas sendas da existência sem angústias, sobretudo sem a angústia de ter que escolher. Isso, oferecido pelos distintos fundamentalismos, significa a perda da liberdade, da responsabilidade, da autonomia"¹².

4. Criação de inimigo

O fervor e a paixão entre os adeptos de um determinado movimento se intensifica criando um inimigo em torno do qual se polariza a própria identidade. Assim se demoniza o que se quer combater, revestindo-o à vontade, com os traços mais aberrantes e contrários ao próprio comportamento...¹³. Neste sentido a "*desqualificação de mundo*" serve para opor fundamentalismo e modernidade. O movimento Comunhão-Libertação opõe ao mundo desqualificado a restauração da cultura cristã que, em outros movimentos, chega a ser um restaura-

cionismo da ordem político-religiosa.

Este procedimento é comum em documentos da Santa Sé que, deste modo, tem campo livre para afirmar o que deseja.

5. Outras dimensões

Liderança carismática. "*Os fundamentalismos apoderam-se das consciências individuais graças à guia de um líder indiscutido, carismático, que assinala, como se fosse porta-voz divino, o caminho a seguir individual e coletivamente...*"¹⁴. O líder não emite opiniões mas oráculos.

Busca de coerência. É notória no fundamentalismo a preocupação com a coerência, ou seja, "*fazer com que exista coerência entre a construção de uma idéia e o agir que dela resulta*"¹⁵.

Simplismo. Fácil perceber no fundamentalismo "*que as mentalidades, atitudes e sistemas se distinguem por uma particular simplicidade, que, por conseguinte, os pontos de vista diferentes ficam em larga escala excluídos*"¹⁶. É nesta linha que o

9. LL. Duch, art. citado.

10. LL. Duch, art. citado.

11. Jürgen Moltmann: "*Fundamentalismo e Modernidade*", Concilium 241 - 1992/3, 143(463); 147(467).

12. Art. citado.

13. LL. Duch, art. citado.

14. LL. Duch, art. citado.

15. Günter Hole, "*Fundamentalismo, Dogmatismo, Fanatismo, Perspectivas Psiquiátricas*" em Concilium 241, 1992/3 p. 36(356).

16. Ibidem.

fundamentalismo tem conduta fanática, pois "o que caracteriza o fanático é estar possuído por uma única idéia ou fé que não admite outras ao seu lado"¹⁷.

Clareza. Caracterizando a atitude dogmática do fundamentalismo, está a clareza de enunciado, que envolve também a fixação das interpretações e estruturas doutrinárias¹⁸.

Rejeição do diálogo; anti-ecumenismo. "Os fundamentalistas tendem a enfrentar os não-fundamentalistas em teologia formal apenas através de revistas polêmicas e quase nunca através de encontros abertos. Isso acontece sobretudo quando um discurso pretende ser verdadeiramente dialogal, correndo-se o risco de alguém poder mudar de opinião"¹⁹.

Machismo. Seja pela interpretação literal da Bíblia em seu contexto próprio do tempo; seja por constituir-se em movimento de reação-oposição; ou ainda por rejeitar aberturas no âmbito do pensamento dominado pelo masculino, o fundamentalismo tende a afirmar-se como movimento ma-

chista e a TFP, no Brasil, o integralismo de Lefébvre são exemplos cabais.

IV. OS PECADOS TEOLÓGICOS DO FUNDAMENTALISMO

O fundamentalismo baseia-se em sérios equívocos teológicos.

1. Rejeição da Hermenêutica.

A Constituição *Dei Verbum* consagra em definitivo as conquistas da moderna hermenêutica na interpretação da Bíblia (DV 12) e relembra o princípio da "condescendência divina", vale dizer, que a revelação se encarna "pois as palavras de Deus expressas por línguas humanas se fizeram semelhantes à linguagem humana, tal como outrora o Verbo do Pai Eterno, havendo assumido a carne da fraqueza humana, se fez semelhante aos homens"²⁰. A interpretação da Palavra de Deus depende, pois, da interpretação da palavra humana, de seu contexto cultural e histórico, dos gêneros

literários da intenção do verdadeiro autor humano; e isso é o que a hermenêutica faz.

O fundamentalismo é anti-hermenêutico. Ele lê, não interpreta; ele tem a pretensão "de que um texto, por mais difícil e misterioso que seja, por ser uma revelação de Deus, é acessível e admite um só sentido"²¹. "O fundamentalismo baseado na revelação não argumenta, apenas afirma"²².

O mesmo posicionamento anti-hermenêutico tem o fundamentalismo católico que busca na tradição textos fora do contexto, sobretudo os que historicamente se situam no período tridentino e pós-tridentino.

2. Restrição do mistério

Numa de suas intuições teológicas, S. Tomás lembra que "o ato de fé do crente não se fixa no enunciado, mas atinge a realidade"²³ que o Novo Catecismo assim traduz: "Nós não cremos em algumas fórmulas mas nas realidades que elas exprimem e que a fé permite tocar"²⁴. O fundamentalismo prefere glorificar a

fórmula, a expressão e não o mistério. A razão é simples: a fórmula é clara, explícita, certa; o mistério será sempre mistério. Enquanto a boa teologia enxerta a fórmula no mistério e assim respeita a sua grandeza, o fundamentalismo enxerta o mistério na fórmula e assim o restringe, tirando-lhe a transcendência. O fundamentalismo é um regime de certezas, não de mistérios.

3. Inversão de valores

O Vaticano II, no Decreto "Unitatis Redintegratio" sobre o ecumenismo, adverte com relação ao diálogo ecumênico: "Comparando as doutrinas lembrem-se que existe uma ordem ou hierarquia de verdades na doutrina católica, já que o nexo delas com o fundamento da fé cristã é diverso" (Unit. Red. No. 11). É típico do fundamentalismo a inversão de valores teológicos. A missa de S. Pio V é tese central no fundamentalismo lefebvriano, e valores até de peso menor constituem vigas mestras de outros fundamentalismos. Valores acidentais no patrimônio teológico foram e conti-

17. Ibidem p. 44(364).

18. Ibidem.

19. Geiko Muller - Fahrenholz, "O que é Fundamentalismo hoje? Perspectivas Psicológicas" em Concilium 241 - 1992/3, p. 18(338).

20. Dv. 13.

21. Martin E. Marty, "O que é Fundamentalismo? Perspectivas Teológicas", em Concilium 241 - 1992/3, p. 16(336).

22. Jürgen Moltmann, art. citado 143(463).

23. S Th II-II q.1, art. 2, ad. 2.

24. Novo Catecismo No. 170.

nuam a ser causas de dissensões e o próprio apóstolo *S. Paulo* teria que lutar para libertar os gentios de prescrições deste tipo. Esta inversão de valores é mais um fator que impede o fundamentalismo de ser ecumênico.

4. *Negação da liberdade de consciência*

A Declaração "Dignitatis Humanae" do Vaticano II sobre a liberdade religiosa, reconhece o direito de buscar a verdade "*mediante livre pesquisa, servindo-se do magistério e da educação, da comunicação e do diálogo*"²⁵. E o Decreto "*Unitatis Redintegratio*" diz, de forma forte: "*Resguardando a unidade nas coisas necessárias, todos na Igreja, segundo o múnus dado a cada um, conserve a devida liberdade, tanto nas várias formas de vida espiritual e de disciplina, quanto na diversidade de ritos litúrgicos, e até mesmo na elaboração teológica da verdade revelada*"²⁶. O fundamentalismo, por erigir como absolutas as suas "certezas", não só não admite delas contestação como nem mesmo o risco de diálogo em que "outras" possibilidades possam surgir.

25. Dign. Hum. 3.
26. Unit. Red. No. 4.

V. FUNDAMENTALISMO CATÓLICO

No passado

A Igreja Católica teve em sua história e os condenou. movimentos de tipo fundamentalista como o *milénarismo* (ano 110), o *montanismo rigorista* (ano 160) e seu derivado o *tertulianismo* (ano 205); o *cisma novaciano* que proibia o perdão dos apóstatas (ano 250), o *donatismo* que condicionava o valor dos sacramentos à santidade do ministro (ano 132). Mais tarde, o *predestinacionismo de Gotschalk* (ano 842), os *Cátaros, Albigenses e Valdenses* (ano 1175), os *Fratricelos* (ano 1323). *Cruzadas e Inquisição* tiveram cunho fortemente fundamentalista. Na Idade Moderna, o *jansenismo* com seu rigorismo moral (ano 1635), o *Misticismo Quietista* (ano 1660), o *Fideísmo* negando o valor da razão (ano 1803). Todos estes movimentos, tenham ou não sido fundamentalistas, foram rejeitados pela Igreja Católica.

Mais claramente de cunho fundamentalista e não rejeitadas ofi-

cialmente pela Igreja são algumas afirmações mais recentes, que constam no chamado "*Syllabus*", um extrato de Documentos de *Pio IX* (ano 1867) bem como no Decreto "*Lamentabili*" (ano 1907) e na Encíclica "*Pascendi Dominici Gregis*, (ano 1907) ambos de *Pio X*. O procedimento é o mesmo: Rejeição da modernidade, criação de inimigo-monstro com erros exagerados e em contrapartida, apresentação pelos documentos, de certezas opostas mesmo que não tenham fundamento ou até que sejam claramente falsas. Alguns exemplos:

A religião católica deve ser a única religião do Estado, excluindo os outros cultos²⁷. São erradas as leis que garantem a liberdade de culto aos imigrantes em regiões católicas²⁸. Deve ser banida a liberdade de expressar publicamente opiniões religiosas e civis²⁹. E esta clássica: O Romano Pontífice não deve reconciliar-se com o progresso, o liberalismo, a

modernidade (sic)³⁰. O Decreto *Lamentabili* nega que os evangelhos, até a elaboração final, tenham recebido adições³¹. Os dogmas definidos são verdades procedentes do céu³². Jesus Cristo como homem teve a ciência própria de Deus³³. O uso de conferir o batismo às crianças não foi evolução disciplinar³⁴: os três documentos são dirigidos contra os "modernos" e "modernistas", na suposição óbvia que ser moderno ou modernista já, de si, constitui um risco. A Comissão Bíblica nega pluralidade de autores no Livro do Profeta Isaías³⁵. O Santo Ofício defende a visão beatífica e o conhecimento absoluto de tudo na alma de Cristo³⁶.

Movimentos fundamentalistas

O Concílio Vaticano II atingiu o fundamentalismo católico em sua essência: a Constituição "*Dei Verbum*" acolhe e oficializa a

27. Syll. prop. 77.
28. Syll. prop. 78.
29. Syll. prop. 79.
30. Syll. prop. 80.
31. Lament. prop. 15.
32. Lament. prop. 22.
33. Lament. prop. 34.
34. Lament. prop. 43.
35. 29/6/1988; D. 2118-19.
36. 5/6/1918; D. 2183-4.

hermenêutica moderna. A Constituição "Gaudium et Spes" reconcilia Igreja e modernidade. A Declaração "Dignitatis Humanae" consagra a liberdade religiosa e a liberdade de consciência. Por esta razão, os movimentos atuais de cunho fundamentalista insurgem-se contra o Concílio e alimentam uma utopia anti e pré-conciliar. O maior deles é o fundamentalismo-integrismo que sobrou do cisma do bispo *Lefèbvre* e que tomou como bandeira a restauração litúrgica a partir da missa tridentina em latim e a rejeição da liberdade de consciência a partir do princípio de que o erro tem direitos. No Brasil é conhecida a sociedade *TFP, Tradição, Família e Propriedade* que apela para o catolicismo dos tempos gloriosos em que Igreja e Estado caminhavam juntos e defesa dos grandes princípios simultaneamente políticos e religiosos: Tradição, Família, Propriedade.

Tendências fundamentalistas

Na Igreja Católica, movimentos fundamentalistas organizados como sociedade são poucos. O que mais se encontram são tendências fundamentalistas presentes

como dimensões de sociedades, grupos e mesmo instituições que, em sua essência não são fundamentalistas.

Não é difícil notar tendência fundamentalista em mensagens de revelação particulares, seja precognizando a salvação por meio de alguma devoção, seja insistindo na maldade de "hoje". No campo da moral parece fundamentalista o constante apelo à natureza "abstrata" como critério definitivo para julgamentos sobre bem e mal. Fundamentalista é, sem dúvida, a tendência de relegar para segundo plano a presença da mulher na Igreja. O Novo Catecismo que de modo geral merece louvor, faz, no entanto, uma cabal leitura fundamentalista dos três primeiros capítulos do Gênesis bem como de textos apocalípticos do Novo Testamento. Em pleno coração da modernidade democrática, afirma ainda que a autoridade civil vem de Deus, na velha perspectiva da "ordem estabelecida".

Monsenhor Roberto Mascarenhas Roxo é Doutor em Teologia e História e Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - FAI.
Endereço: Av. Nazaré, 993
Ipiranga - SP CEP 04263-100

O HINO "CRISTO RESSUSCITOU"*

Relato e Análise de uma experiência litúrgica, como contribuição para a metodologia da Ciência Litúrgica

Ione Buyst

1.1. O hino "Cristo Ressuscitou" consta no *Ofício Divino das Comunidades* (livro e fitas), como um dos possíveis hinos para o tempo pascal. O autor da letra é *Reginaldo Veloso*, bastante conhecido entre nós, tanto por sua atuação nas comunidades de base, como também como poeta e compositor de músicas para as celebrações litúrgicas. A música é uma das muitas versões de um hino pascal medieval germânico, espalhado por toda a Europa, hino muito popular, do qual a partitura mais antiga de que temos conhecimento, data de 1160 e é originária de Salzburgo, na atual Áustria. Reginaldo Veloso conheceu a música na Itália anos atrás, e expressou na letra a fé pascal da Igreja latino-americana, Igreja dos pobres, lutando por sua libertação:

**Cristo ressuscitou,
o sertão se abriu em flor,
da pedra água saiu,
era noite e o sol surgiu,
Glória ao Senhor!**

1- *Vocês que tristes 'estão,
que gemem sob a dor,
na dor de sua paixão,
Deus se irmanou.*

2- *Vocês que pobres são,
que temem o opressor,
por sua ressurreição,
Deus nos livrou.*

1.2. O que fiz e fizemos com este hino e o que o hino fez conosco? No tempo pascal, durante três anos seguidos, cantei este hino no ofício divino (liturgia das horas), manhã e tarde, observando e registrando o que ia acon-

* Apresentação sintética, em linguagem coloquial, feita no dia da defesa da tese de doutorado em teologia com especialização em liturgia, 18 de novembro de 1993.